

“DNA studies challenge the meaning of race”

E. Marshall

*Science*, 23 oct 1998, vol. 282, pp. 654-655.

## **Estudos sobre o DNA desafiam o significado de raça**

O número de 23 de outubro deste ano da prestigiosa revista científica *Science* traz um artigo que discute o radical enfraquecimento do conceito de “raça” com o advento do estudo do DNA humano.

A vinheta que abre o texto já anuncia claramente seu conteúdo: “A diversidade genética parece ser um *continuum*, sem qualquer ruptura delineando grupos raciais.”

O texto afirma que não existe uma tal coisa como “raça” no *Homo sapiens* e que existiria uma continuidade virtual nas variações genéticas humanas.

Constata-se que a maior diversidade genética humana encontra-se na África e que a herança genética dos homens modernos é amplamente africana.

Mostra-se que as categorias oficiais estatísticas quanto à raça e etnia são completamente inúteis pois não existe, por exemplo, algo como um “hispanico”: biologicamente é um termo muito ruim pois, reúne num só grupo pessoas vindas de Cuba, de Porto Rico e do México que tiveram histórias fundamentalmente diferentes.

Um dos entrevistados exprime assim os resultados obtidos até agora sobre o genoma humano: “Um dos benefícios que surge dos estudos do genoma é uma compreensão cada vez maior de quão similares nós somos em nossa maravilhosa variação”.

“Francisco Varela: Le cerveau n’est pas un ordinateur”

Francisco Varela

*La Recherche*, 308, avril 1998, pp. 109-113

## **Francisco Varela rejeita a concepção cibernética do cérebro**

186

O famoso neurobiólogo Francisco Varela, diretor de pesquisas do laboratório de Neurociências Cognitivas e Imagens Cerebrais, financiado pelo CNRS francês contesta, em entrevista no número de março deste ano à *La Recherche* a comparação do funcionamento do cérebro ao de um computador. Ele propõe, no lugar dessa visão tão disseminada, a idéia de uma visão “dinâmica”, segundo a qual em vez de se trabalhar com símbolos e regras, deve-se utilizar variáveis reais, tomando-se em conta os estados globais do conjunto das variáveis em jogo no funcionamento cerebral. “É necessário”, diz Varela, “que o organismo seja suficientemente encarnado em um ambiente para poder se ‘virar’ apesar do fato de não possuir uma representação prévia do mundo”.

Sua proposta implica não uma oposição entre “programa” e base material cerebral, mas um sistema de interações dinâmico entre o funcionamento cerebral e o ambiente, ambos tomados em seus conjuntos e como sistemas interativos.

*International Review of Psychiatry*

November 1998, vol. 10, nº 4

## **Atualização sobre os métodos de pesquisa em psiquiatria**

O número de novembro do *International Review of Psychiatry* é inteiramente dedicado aos métodos mais importantes de pesquisa da psiquiatria contemporânea.

São apresentadas e discutidas questões como “medidas em psiquiatria”, “epidemiologia psiquiátrica”, “estudos de caso-controle e de coorte”, “trials randomizados controlados”, “metanálise”, “métodos qualitativos” e “ética da pesquisa psiquiátrica”.

“Self psychology since Kohut”

A. Goldberg

*Psychoanalytic Quarterly*, 1998, LXVII, pp. 240-255.

## A psicologia do *Self* desde Kohut

A *Psychoanalytic Quarterly* traz um interessante artigo de revisão que retraça as diversas vertentes históricas da psicologia do *self* a partir da contribuição original de Kohut.

São evidenciadas três tendências principais, que o autor nomeia “tradicional”, “a intersubjetiva” e a relacional. Elas são descritas e colocadas em contraste. O artigo sugere que um esforço para integrar todas elas seria prematuro e elas devem continuar a se desenvolverem separadamente.

Indispensável para todos os que se interessam pelas principais contribuições dessa escola como o significado das transferências narcísicas, a percepção da maturação do narcisismo, os transtornos narcísicos e as personalidades *borderline*.